

ENTRE CIDADE, LETRA E CIÊNCIA:
a literatura de Aluísio de Azevedo como interpretação
sociocultural da espacialidade urbana na capital do império
brasileiro (1880-1890)

Giovana Meireles da Rosa Carlos¹

Artigo recebido em: 09/03/2022.

Artigo aceito em: 05/10/2022.

RESUMO:

Como fonte histórica utilizaremos o romance de tese “O Cortiço” publicado em 1890 e alvo de debates até a contemporaneidade. Considerando as visões do espaço urbano carioca por meio da leitura do romance realista-naturalista pretende-se dissertar sobre as concepções de evolucionismo social, racismo científico e determinismo geográfico presentes nas páginas do livro de Azevedo. Dessarte, o procedimento metodológico de análise da fonte envolve “[...] compreender os conflitos sociais e políticos do passado por meio das delimitações conceituais e da interpretação dos usos da linguagem [...]” (KOSELLECK, 2006, p. 103). Nessa lógica, nosso objeto de pesquisa consiste na construção literária do conceito de cortiço carioca e as relações de poder estabelecidas nesse espaço urbano em constante transformação.

PALAVRAS-CHAVE: ‘O Cortiço’; Rio de Janeiro; Aluísio de Azevedo.

BETWEEN CITY, LETTER AND SCIENCE: Aluísio de Azevedo’s literature as
a sociocultural interpretation of urban spatiality in the brazilian imperial capital
(1880-1890)

ABSTRACT:

As a historical source, we will use the thesis novel “O Cortiço” published in 1890 and the subject of debates until contemporary times. Considering the visions of the urban space of Rio de Janeiro through the reading of the realist-naturalist novel, we

¹ Licenciada em História, Bolsista Capes/DS e mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria. Membro do grupo de pesquisa ‘História Intelectual, Produção de Presença e Construção de Sentido’, sob coordenação do prof. Dr. Carlos Henrique Armani. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9718169015430297>; e-mail: Giovana.meirelesrc@gmail.com.

intend to discuss the conceptions of social evolutionism and geographic determinism presente in the pages of Azevedo's book. Thus, the methodological procedure for analyzing the source involves "[...] understanding the social and political conflicts of the past through conceptual boundaries and the interpretation of the uses of language [...]" (KOSELLECK, 2006, p. 103). In this logic, our research object consists of the literary construction of the concept of carioca tenement and the power relations established in this urban space in constant transformation.

KEYWORDS: Spatiality; 'The Tenement'; Rio de Janeiro; Aluísio de Azevedo.

1. Introdução

E agora, já na vida adulta, minha mãe percebia como se tornara estrangeira. Minha mãe não tinha lugar. E era como se a cidade só pudesse ensiná-la a ser sozinha. Não que ela já não soubesse a gramática da solidão. (Jeferson Tenório em 'O avesso da pele', p. 115).

Reinhart Koselleck escreve que "[...] não são os fatos que abalam as pessoas, mas o que se escreve sobre eles." (KOSELLECK, 2006, p. 97). Partindo dessa premissa analisaremos o romance naturalista de Azevedo sob três eixos interligados: a trajetória do autor, o contexto histórico de suas ações e o conteúdo da obra literária. Cada um destes pontos suscitará temáticas relacionais mais amplas. Para tanto, utilizaremos a biografia 'Aluísio Azevedo: Vida e Obra' como guia metodológico para debatermos sobre 'O Cortiço' dentro de seu contexto histórico-literário subjacente. Também adotaremos as considerações sobre método propostas por Reinhart Koselleck, Amanda Servidoni, Regina Dalcostagnè, Dominick Lacapra, entre outras/os.

A obra consiste em uma elaboração literária de Aluísio de Azevedo sobre a vida urbana no Rio de Janeiro durante a transição do trabalho escravo para o trabalho assalariado/livre na última década do império brasileiro (1880-1889). Jean-Yves, biógrafo de Aluísio, menciona que o escritor "[...] dá uma visão sociológica da vida do cortiço que tem um valor documental. Ele aborda o

problema das relações econômicas, sociais, raciais, entre, por um lado, os operários e por outro a burguesia.” (MÉRIAN, 2013, p. 506). O historiador afirma que Azevedo teve por objetivo “[...] fazer um corte transversal no proletariado brasileiro e estudar os mecanismos de sua vida própria e de suas relações com as outras camadas da sociedade.” (MÉRIAN, 2013, p. 510).

Dessarte, o procedimento metodológico de análise da fonte envolve “[...] compreender os conflitos sociais e políticos do passado por meio das delimitações conceituais e da interpretação dos usos da linguagem feitos pelos contemporâneos de então” (KOSELLECK, 2006, p. 103).

Nessa lógica, nosso objeto de pesquisa consiste na construção literária do conceito de cortiço carioca e as relações de poder estabelecidas nesse espaço urbano em constante transformação. Nesse sentido, Koselleck dá bases para nossa metodologia por sua delimitação da história dos conceitos enquanto “[...] um método especializado de crítica de fontes que atenta para o emprego de termos relevantes do ponto de vista social e político e que analisa com particular empenho expressões fundamentais de conteúdo social.” (KOSELLECK, 2006, p. 103). Interessa-nos, portanto, a reflexão sobre o conceito de cortiço enquanto uma personagem basilar do romance azevediano, além de explorar a ideia de cortiço no romance com a finalidade de mapearmos a materialidade do mundo presente na literatura.

2. O ‘cientista’ e escritor Aluísio de Azevedo e suas observações sobre o espaço urbano carioca por meio da literatura

Antonio Cândido começa seu artigo sobre 'O Cortiço' com a seguinte frase "Embora filha do mundo, a obra é um mundo." (CÂNDIDO, 1976, p. 111). Essa frase sintetiza suficientemente bem dois dos objetivos deste artigo. O primeiro deles envolve a análise do contexto histórico, da malha urbana e das principais ideias que circulavam no Rio de Janeiro oitocentista. Arelado a isto está a ênfase nos aspectos

específicos da obra literária e em que medida ela dialoga com as prerrogativas da história social. Para tanto, utilizaremos a metodologia da história dos conceitos e da história das ideias para refletirmos sobre o objeto de pesquisa. A história social fará parte da interpretação historiográfica que situa a obra em seu tempo de escrita e publicação, contribuindo dialogicamente com os demais campos mencionados.

Candido informa que a obra para o movimento naturalista era percebida enquanto uma "[...] transposição direta da realidade, como se o escritor conseguisse ficar diante dela na situação de puro sujeito em face do objeto puro, registrando [...] as nações e impressões que iriam constituir o seu próprio texto." (CÂNDIDO, 1976, p. 111). O autor menciona a duplicidade de temáticas em Azevedo partindo da análise marxista, que debate a coexistência entre 'exploradxs' e 'exploradores' na narrativa azevediana. De um lado, há a vida cotidiana do trabalhador precarizado, de outro, a exploração econômica por parte de Romão. A partir de Cândido, portanto, podemos rastrear na narrativa a materialidade do mundo e seus sentidos na sociedade carioca. Influenciado pela geração dos anos 1960, Cândido lê a obra diante da "[...] luta de classes e nacionalidades num romance que não questiona os fundamentos da ordem." (CÂNDIDO, 1976, p. 116).

Azevedo é considerado um dos fundadores do naturalismo no Brasil. Esse movimento literário pode ser considerado uma estética de escrita que compôs parte do amplo realismo brasileiro. Desse modo:

[...] Havia um debate efervescente acerca do mais novo movimento literário pós e antirromântico. De um lado, havia os defensores, os próprios romancistas que se esforçaram para defender e promover o Naturalismo no Brasil. Do outro, havia os detratores, os críticos literários, que não desculpara as obscenidades e a linguagem considerada inadequada nas obras de cunho naturalista. (FLOR, 2015, p. 10)

Nesse sentido, o naturalismo brasileiro tinha por base o trabalho de Êmile Zola, escritor francês. Zola propunha – e Aluísio praticava - o método de

investigação científica do humano aplicado à escrita da literatura, porquanto, parte-se de uma observação da sociedade que tem por eixos visões totalizantes, universalizantes e mecanicistas dos fenômenos históricos. De modo geral o movimento literário:

[...] foi um período de intensa produção literária. Vários romances pertencentes a esse modelo estético foram escritos, muitos romancistas adotaram e defenderam o movimento naturalista no Brasil e alguns leitores consumiram e continuam consumindo as obras produzidas por esses escritores. Prova disso é que até hoje romances referentes a esse modelo estético são reeditados, como *O Mulato* (1881), *Casa de Pensão* (1884) e *O Cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo; *A Normalista* (1893) e *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha; e *O Missionário* (1891), de Inglês de Sousa. (FLOR, 2015, p. 11)

3. As relações entre os espaços urbanos periféricos e as fronteiras sociais

Azevedo está inserido no debate sobre o projeto nacional republicano e suas obras refletem sobre os dilemas da nacionalidade. O trabalho, o gênero e o escravismo entram em cena durante a narrativa, informando-nos sob o filtro da literatura sobre relações sociais conflitantes. O século XIX no Rio é marcado por um processo de modernização excludente, conforme aponta Chalhoub. Essa modernização - ou higienização racial da cidade - estava centrada na racialização e do racismo da sociedade carioca.

Os libertos, de modo geral, eram judicialmente livres, ainda que politicamente sub-representados, economicamente dependentes e socialmente estigmatizados. Azevedo expressa literariamente a idealização do projeto republicano de país e, em contrapartida, a demonização da monarquia. Ao retratar os costumes 'condenáveis', a insalubridade e falta de higiene dos populares, as práticas sexuais 'desviantes', a desmoralização dos indivíduos e a desordem do cortiço o escritor realiza um exercício retórico de crítica à monarquia brasileira enquanto retrata a capital imperial e seus habitantes.

A política brasileira hegemônica - branca, proprietária, letrada - foi forjada ao longo do século XIX com o objetivo de atingir modelos europeus de civilização, **Revista Espacialidades** [online]. 2022.2, v. 18, n. 2, ISSN 1984-817X [5]

desconsiderando as características peculiares da identidade social do país. Indígenas e escravizadas/escravizados foram arbitrariamente e sistematicamente excluídos do processo de participação política e do acesso à cidadania. Desse modo, as lutas e resistências dessas populações marginalizadas foram constantes e significativas, porquanto, elas compõem um eixo central de explicação da história brasileira. O começo da escravização de africanas e africanos durante a modernidade também marca o início da resistência das escravizadas/os.

O número de desempregados era alto, assim como os níveis de analfabetismo. O acesso à moradia também era precário, principalmente para libertas/os. As populações negras e mestiças desempenhavam diversas atividades laborais nas cidades, principalmente nos setores de prestação de serviços. Nessa lógica, morar perto do local de trabalho ou a conjugação entre espaço de trabalho + moradia era bastante comum. Desde a vinda da família real para o Rio de Janeiro em 1808 acentua-se o desejo de remodelar, higienizar e sanitizar a capital do império. Um dos objetivos era tornar a cidade mais atraente para turistas, investidores e imigrantes. O outro objetivo da elite política e econômica era tornar a cidade mais agradável, limpa e segura para quem pudesse pagar por imóveis 'bem' localizados.

Com o crescimento das cidades brasileiras em decorrência do êxodo rural, da desagregação do escravismo e do imigrantismo as polícias urbanas atuaram enquanto extensão do poder dos proprietários de escravizadas/os. Fica sob responsabilidade dos policiais reprimir e delimitar o comportamento dos segmentos empobrecidos, e portanto, marginalizados. Nessa perspectiva, "O que antes era uma justiça particular aplicada no interior das fazendas e casas senhoriais tornou-se a prática institucional da autoridade pública republicana." (SEVCENKO, 2010, p. 116). Aluísio dá uma resposta possível por meio da literatura para a pergunta "O que a república reservará para os libertos?" E, certamente, uma das explicações do autor envolve o drama da personagem Bertoleza. Por meio dela o escritor indica a escassez de horizontes e possibilidades para as/os egressos do escravismo brasileiro.

Bertoleza auxilia seu amante (Romão) incansavelmente na construção e manutenção do cortiço, entretanto, o imigrante a descarta quando atinge um bom patamar de riqueza e casa com a filha do dono do sobrado vizinho ao cortiço. Por mais que a escravizada tenha sido fundamental no enriquecimento do português ele não permite que ela 'desfrute' daquilo que "conquistaram juntos" nas palavras de Bertoleza. Ao fim do romance, quando descobre que Romão falsificou sua carta de alforria para lucrar com o ato Bertoleza em protesto e resistência comete suicídio. O mais emblemático em termos narrativos consiste na descrição da cena posterior em que jovens lideranças abolicionistas condecoram Romão por 'defender' a libertação das/os escravizados. Este era o abolicionista de última hora, ou seja, aquele constata a inevitável abolição e passa a apoiá-la porque 'pega bem' socialmente, estando de acordo com status quo do momento.

De modo geral, o cortiço representa um microcosmo racial e social da cidade em que Azevedo pretende retratar o processo histórico de "[...] consolidação das classes dominantes no Brasil" (DALCASTAGNÈ, 2001. p. 383) e as relações destes grupos com as/os moradores do cortiço, trabalhadoras/es manuais livres em sua maioria. Nessa lógica, durante a narrativa há a representação do cotidiano social e exploração econômica na periferia carioca.

Conforme aponta Chalhoub o poder público municipal mobiliza mecanismos de repressão para controlar os movimentos políticos de trabalhadores/as. Os cortiços detinham um potencial de articulação e explosividade comunitária no centro da metrópole capitalista. A partir destas prerrogativas as lideranças políticas brancas e proprietárias justificam as demolições das habitações populares, tendo por base a 'melhoria' urbanística e o controle sanitário.

Chalhoub informa que cortiço era o termo utilizado pelas autoridades da época para estigmatizar as moradias populares localizadas no centro do Rio. Desse modo, a demolição de alguns cortiços e consequente expulsão das/os moradores assinala o avanço do capital imobiliário e da especulação financeira na região. Além

disso, as habitações tornaram-se locais de fortalecimento dos movimentos sociais urbanos em ascensão no século XIX. Nessa perspectiva, o auge do cortiço carioca corresponde a intensificação das lutas de negras e negros pela liberdade e pela cidadania.

Diante de uma sociedade segregacionista e de um estado imperial que negava o estatuto de cidadania às camadas populares o cortiço surge no espaço urbano carioca como uma cidade-esconderijo, uma microssociedade dentro da sociedade formal. Os cortiços eram refúgios para escravizadas em fuga, escravizados de ganho, imigrantes e migrantes pobres. Azevedo descreve o cortiço como um local de sociabilidade de trabalhadoras e trabalhadores precarizados, empobrecidos. Estes trabalhadorxs estavam inseridos em uma cultura econômica que organizava o tempo integral de trabalho, cultuava a máxima produtividade a despeito das condições e remunerava com o menor valor possível.

A diversidade das personagens da narrativa alegoriza a multiplicidade social e cultural da formação nacional brasileira. O autor descreve 'tipos sociais' por meio de estigmatizações e preconceções recorrentes durante as décadas finais do império. O aumento populacional coloriu a corte imperial, diversificando a cultura nos trópicos. Starling e Schwarcz apontam que:

[...] o intenso movimento de migração interna, resultado da lenta desmontagem do sistema escravocrata. No período que vai de 1872 a 1900, foi na Região Nordeste que houve maior perda populacional, como consequência do comércio interno de escravos que despovoou a economia do açúcar e do algodão, e reforçou a densidade dos estados cafeeiros. Castigados pelas secas de 1870 e 1880, grupos de migrantes dirigiram-se para o Rio de Janeiro, que funcionava como chamariz cultural, além de se apresentar como provedor de empregos em geral, e mais especificamente para o funcionalismo público e estatal. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 549)

Ao escrever a partir de determinada leitura da sociedade carioca Azevedo toma por parâmetro ideias centrais do cientificismo europeu como "[...] o evolucionismo, o materialismo e o positivismo [...]", teorias pretensamente científicas em que "[...] a imagem do progresso e a concepção de modernização

seriam associadas à palavra república". Partindo destas premissas positivista o escritor utiliza a obra literária como um panfleto contra o império de Pedro II ao descrever as mazelas sociais geradas pelo regime.

O cortiço de Azevedo está repleto de 'doenças/patologias', de sujeira, de 'promiscuidade', de desordem e consiste, portanto, no eixo da crítica ao império brasileiro. Descrever a habitação coletiva e seus moradores de modo tão caricaturado e determinista compôs um panorama mais amplo do realismo-naturalismo no Brasil, que pretendia captar a realidade tal qual ela era, utilizando-se de métodos científicos para a escrita da literatura. Azevedo, o mais divulgado dos autores naturalistas, apreende do escritor francês Émile Zola algumas técnicas de observação do cotidiano, bem como mecanismos de formulação da narrativa.

O cortiço compreendido enquanto a personagem central do romance de folhetim ao sintetizar/alegorizar o processo de expansão do capitalismo monopolista brasileiro e o fenômeno de modernização ou reordenamento urbanístico das grandes cidades ao decorrer do século XIX. Chalhoub aponta que há uma aliança entre "[...] capital e ciência, aliança que seria essencial às transformações urbanas 'radicais' [...]" (CHALHOUB, 2006, p. 56) com o objetivo de ocupar as zonas centrais da cidade e lucrar com os empreendimentos imobiliários que pretendiam construir ou reformular.

Fica evidente, porquanto, a hostilidade de parcela significativa dos setores da elite política e econômica diante da cultura popular, suas formas de moradia e estilo de vida. O setor científico responsável pela fiscalização dos cortiços era representado por médicos sanitaristas e higienistas, principalmente e muitos deles gozavam de cargos de gestão política. As disputas por poder e influência envolviam os donos de cortiços e investidores urbanos. Os primeiros ofereciam preços mais baixos quando comparados aos prédios regulamentados pelos higienistas. Além

disso, o avanço nas linhas de transporte, bondes e alargamento das avenidas, proporcionava novas lógicas de trabalho e serviços. (CHALHOUB, 2006).

Dalcastagnè sustenta a ideia de que é possível pensar no cortiço de Azevedo como uma representação específica do Brasil, como uma alegoria do contexto político brasileiro. O Brasil seria um imenso cortiço? Quais características o cortiço de Azevedo partilharia com a nação brasileira na transição do império para a república? Em um artigo de literatura comparada a autora menciona um aspecto importante sobre o enredo do romance:

[...] a luta pelo poder e sua manutenção. Ou seja, pode-se dizer que a 'formação das elites brasileiras' passa por dois momentos, que são esmiuçados e problematizados ao longo de *O Cortiço* e *Viva o Povo Brasileiro*: o primeiro deles é a conquista do poder por determinados grupos, que como veremos nos dois romances, se utilizaram da força bruta e do roubo. Após constituídos enquanto classes dominantes - possuidores de dinheiro e autoridade política - surge, num segundo momento, a necessidade de não só se manterem no poder, mas também de se elevarem socialmente, transformando-se em elites - possuidoras de status e legitimidade. Para isso, empregam, sobretudo, a violência simbólica. (DALCASTAGNÈ, 2001. p. 484)

A partir da argumentação da pesquisadora percebemos que a obra azevediana consiste em uma intervenção literária diante da violência com que as elites brasileiras tratam os demais segmentos sociais, principalmente os mais desfavorecidos economicamente. Por meio do eixo narrativo centrado na ascensão social de Romão (personagem individual) e do Cortiço (personagem coletiva) o escritor reescreve-reconfigura o processo de constituição das elites brasileiras com ênfase nas práticas violentas desprendidas contra a população comum.

Dalcastagnè afirma que Azevedo relata a formação nacional brasileira através do processo de miscigenação social. Ela aponta que "Ao longo do romance, eivado dos preconceitos da época, vão aparecendo os diferentes modos de adaptação do português ao Brasil, além da luta dos negros e, especialmente, dos mestiços pela sobrevivência. Desse convívio de tipos vai se fazendo o romance, como ia se

fazendo a nação." (DALCASTAGNÈ, 2001, p. 486). Durante o império a literatura voltou-se para o exercício do patriotismo e para construção de uma identidade nacional, românticos-indianistas utilizaram-se da figura do indígena e idealizaram um passado mítico para a jovem nação nos trópicos. Nessa lógica, a colonização é caracterizada enquanto um encontro harmonioso e consensual, tendo por eixo a concepção do 'bom selvagem' que anseia pelas benesses do mundo 'civilizado'.

Entretanto, a convivência harmônica entre diferentes grupos era falsa, a violência era uma arma sistematicamente utilizada pelo estado brasileiro para oprimir segmentos sociais à margem. Aluísio Azevedo, por outro lado, busca descrever criticamente a sociedade da época expondo seus problemas por meio da escrita literária e das charges políticas divulgadas nos jornais. Mérian afirma que o autor:

[...] leva mais longe suas considerações sobre as relações do indivíduo com o meio: André é comparado com um urso que ainda não foi ensinado; as comparações e as metáforas que relacionam o mundo humano e o mundo natural são um traço constante de sua obra, mas esta correlação, este sistema de correspondência não fica limitado ao mundo animal; o desenvolvimento de cada indivíduo é função de sua capacidade de adaptação ao meio onde vive. Tudo ocorre como para as plantas ou as árvores transplantadas. (MÉRIAN, 2013, p. 443)

Nesse sentido, ao observar e descrever a realidade brasileira Azevedo toma por lentes a ideia de que o império tropical consiste em um espelho deformado das propostas civilizatórias da Europa. Para tanto, o evolucionismo, o positivismo e o materialismo eram os principais meios para se atingir o progresso republicano defendido pelo escritor. Republicanos abolicionistas criticavam a política imperial de dissimulação para postergar o fim da escravidão, leis estanques eram formuladas para diluir às críticas e lentificar o processo de abolição. Conforme apontam Schwarcz e Starling:

Os anos 1860 marcaram o recrudescimento da campanha pela abolição da escravidão. Com o fim do tráfico em 1850, a questão servil entrou na agenda do país para não mais sair. Até porque, com o término da Guerra de Secessão nos EUA, em 1865, a votação vitoriosa da 13ª emenda à Constituição norte-americana acabou com a escravidão naquela nação, e

o fantasma do fim do sistema passou a assombrar, ainda mais, o imaginário das elites locais e governamentais. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 491)

Diante desse cenário político conturbado Azevedo afirma que "[...] a civilização no Brasil é o vício, a independência uma farsa e o povo explorado está sendo pisoteado." (O MEQUETREFE, 1877, p. 01). Percebemos a representação da exploração do povo por meio da personagem Romão de 'O Cortiço', uma vez que:

[...] Romão é uma versão mais urbana e menos carnavalesca dessa mesma ânsia pelo poder. Ele rouba, engana e explora para isso. Sua fortuna é amealhada com o logro dos miseráveis de seu cortiço - portugueses pobres, negros e mestiços livres que tem de entregar ao dono da estalagem e da venda quase todo dinheiro que recebem no trabalho pesado da pedreira ou da lavagem de roupas. (DALCASTAGNÉ, 2001, p. 487).

Nessa perspectiva, a autora argumenta que Azevedo utiliza Romão como representação do brasileiro, daquele brasileiro que o autor pretende criticar. Ao afirmar que independência era uma farsa política o escritor remete-nos a presença dos portugueses e seus descendentes no país com forte atuação nos setores comerciais nas cidades. Para Azevedo os portugueses roubavam o espaço dos brasileiros, tanto politicamente quanto economicamente.

E, esta é uma das críticas de caráter antilusitano presentes no 'Cortiço', expressa através da escalada social de Romão, que envolve a subordinação das outras personagens do romance. Além disso, a personagem de Miranda - o português repleto de títulos honorários, propriedades, família burguesa 'exemplar' e detentor de status social - surge como um grande rival para Romão. Romão inveja o barão Miranda por associar capital econômico e capital simbólico, este último com seus títulos e propriedades representa o ponto de chegada para o dono do cortiço.

A narrativa de Azevedo acompanha a ascensão social e econômica do imigrante português João Romão. Romão trabalhava como vendeiro e herda o estabelecimento quando da morte de seu patrão. Com algum recurso financeiro em mãos e com a ajuda da escravizada Bertoleza Romão inicia a construção de

'casinhas'. Para tanto, eles roubam materiais de construção na vizinhança durante a madrugada e gradativamente alicerçam o cortiço. Conforme o tempo da narrativa passa as pequenas casas aglomeradas e mal planejadas transformam-se em estalagem, habitação mais ampla e regrada. Diante da estalagem elabora-se uma larga avenida. Nas páginas finais do romance Romão tornara-se líder de um bairro mais moderno e 'higienizado'. Nessa lógica:

A 'limpeza' da estalagem reconstruída é determinada pelo poder do capital imobiliário corporificado em João Romão, e ocorre paralelamente ao empenho do proprietário em adquirir modos "civilizados", ou seja, modos que lhe permitissem marcar a distinção de classe. (OTSUKA, 2017, p. 102)

Através da trajetória de Romão o autor sintetiza a acumulação de capital por meio de imóveis urbanos, a concentração de renda nas mãos do imigrante e a utilização da força de trabalho 'muscular' dos moradores do cortiço. Romão administra um microcosmo econômico no bairro de Botafogo, condicionando o acesso das moradoras/es aos bens de sobrevivência básica, como moradia, alimentação e trabalho.

Nesse sentido, o cortiço caracteriza-se como uma personagem central e também espaço de acumulação de capital através da exploração do trabalho dos inquilinos. Portanto, Romão tendo por eixo o cortiço gerencia uma teia de dependências financeiras em que ele ocupa o centro. Mimetizando a formação de monopólios capitalistas e aplicando a tática de giro ou diversificação dos investimentos.

A riqueza da personagem se instaura por meio do roubo das economias pessoais da escravizada Bertoleza e do roubo de materiais de construção, da privação financeira e do excesso de trabalho. Em seus romances-folhetins Azevedo escreve centralmente sobre a burguesia mercantil da capital. Entretanto, identificamos a partir de Mérian um corpus literário que envolve representações dos costumes e características dos segmentos populares. Três livros compõem este corpus: "Casa de Pensão, o Homem e o Cortiço" (MÉRIAN, 2013, p. 434).

Amparado pelo naturalismo Azevedo narra suas histórias de um ponto de vista pretensamente 'imparcial', cumprindo a suposta missão científica da escrita literária que cataloga e descreve o universo cultural ao seu redor, construindo narradores oniscientes que mantêm a distância adequada de seus objetos. Ademais, o narrador de 'O Cortiço' possui um "[...] riso abafado, dissimulado [...] que resguarda seu espaço dentro da narrativa, mas não se furta a usar a ironia destronante." (DALCASTAGNÈ, 2001, p. 491).

Portanto, interessa-nos nesta pesquisa compreendermos o cortiço como personagem coletiva constituída historicamente, que determina socialmente e atua organicamente sobre a vida de todas personagens do romance. Conforme aponta a pesquisadora "Os protagonistas não são indivíduos isolados com personalidade diferenciada e única, mas uma composição de traços e características que os fazem representantes de determinada circunstância e momento histórico." (DALCASTAGNÈ, 2001, p. 492). Dessarte, pretendemos pensar no cortiço enquanto um conceito-chave tanto na obra literária quanto na sociedade do Brasil oitocentista que orienta determinada percepção social, política e econômica.

4. Perigosos cortiços: relações entre controle social, higienização e processo modernizador.

A literatura contribuiu para a consolidação das teorias de branqueamento – e, portanto, teorias racistas – que visavam afastar/aniquilar o ‘perigo’ que representava o escravizado(a) e ex-escravizadx para a vida em comunidade. Atrelado a isto está a elaboração do racismo científico – presente na obra de Azevedo – em que à inferioridade dos negros era justificada por argumentos biológicos, fenotípicos, médicos. Sobre a teoria do branqueamento:

Quando essas teorias desembarcaram no Brasil, em fins do século XIX, o país ainda era escravista, com forte presença de traços típicos de uma ex-colônia, com economia débil e dependente – baseada em monocultura, latifúndio e exportação de bens primários –, politicamente desestruturado e com infraestrutura urbana deficiente. Em meio a um contexto histórico tão diferente, era preciso saber como aplicar à

realidade nacional doutrinas tidas como científicas e vindas do ‘continente do progresso’. Foi a diminuta classe intelectual do país que tomou para si a responsabilidade de adequar essas doutrinas ao Brasil. Os intelectuais brasileiros estudaram-nas, analisaram-nas, refutaram o que não se adequava ao Brasil e retiveram o que era possível aplicar à nossa realidade, no objetivo de construir “um argumento racial no país” (Schwarcz, 2002, p.18). Era cada vez mais premente abolir a escravidão, menos pelos princípios humanitários do que pelo estigma negativo de país escravista no cenário internacional, não obstante o discurso iluminista que aqui se propagou no século XVIII, relativo aos direitos inalienáveis dos homens, à liberdade e à igualdade. (TAMANO; SANTOS; MAGALHÃES, 2011, p. 759)

Ruth Gauer informa-nos que os ‘perigos’ sociais precisam ser eliminados em nome da higiene social e para que se mantenha a ordem e a limpeza, nesse sentido: “Tudo o que nos cerca deve estar imune à contaminação e à impureza [...]. A ordem está colada à organização: todas as coisas em seus lugares e todos os lugares com suas coisas igualmente ordenadas e purificadas.” (GAUER, 2005, p. 399). Quando pensamos nas cidades e nas sociedades brasileiras em fins do século XIX devemos refletir sobre a formulação de discursos e práticas racializantes e racistas durante o processo de abolição e pós-abolição.

Delimitar os espaços de moradia e convivência envolve exclusões de certos sujeitos. O cortiço ocupa papel central na malha urbana da capital imperial e foi alvo de inúmeros debates na imprensa, na sociedade e também na literatura azevediana. O reordenamento das cidades e seus ambientes perpassa um processo em que:

A modernidade criou essa compulsão, esse desejo irresistível de ordem e de segurança. O mundo perfeito, utopia dos iluministas, seria totalmente limpo e idêntico a si mesmo, transparente e livre de contaminações. A racionalidade expressa pelas convenções e pelas leis tinham como fim imunizar a sociedade contra a violência, a corrupção, a sedução das crenças e demais impurezas. Os modernos esqueceram, no entanto que não haveria imunidade para o egoísmo, o niilismo e para a exploração de um número enorme de seres humanos. (GAUER, 2005, p. 401)

Nessa perspectiva, nossa contribuição diante das leituras realizadas consiste na elaboração da hipótese de que Azevedo reitera-reforça a racialização da sociedade brasileira durante a desagregação do sistema escravista no período de crítica intensa ao regime monárquico de Pedro II. O processo de formulação do estigma em torno

do cortiço e de seus moradorxs está atrelado ao racismo científico no pensar de Aluísio. A teoria do branqueamento é mencionada quando Azevedo justifica o aceite de Bertoleza (escravizada) para morar com Romão, tal justificativa vinculava-se à concepção de ‘melhoria’ da raça por unir-se a um homem branco português.

Nossa hipótese de pesquisa aponta que a mudança do estatuto jurídico do escravo – enquanto bem semovente e posse de um senhor – para liberto/trabalhador livre assalariado incita a elaboração de teorias raciais que reafirmam a exclusão sistemática de pretos e pardos dos espaços urbanos da branquitude, do acesso à cidadania e do acesso à moradia. Nessa lógica, estes segmentos ‘libertam-se’ do estatuto jurídico da escravidão, entretanto, continuam economicamente dependentes de seus antigos senhores ou partem para os setores de prestação de serviços manuais.

Desse modo, se pretos e pardos deixam de ser escravos em termos jurídicos passam a ser classes marginais/classes populares em termos sociais. Desta constatação da branquitude da época surge o imperativo de segmentar, segregar o espaço urbano carioca. Para as elites capitalistas do Rio é preciso sinalizar as diferenças entre os grupos através da moradia, da moda, dos hábitos alimentares, do consumo de modo geral.

5. Considerações finais

Portanto, o imaginário social hegemônico do período entende que pretos e os papéis sociais/laborais de uns e de outros. Salvo os expoentes dos movimentos abolicionistas, das lutas de escravizadxs pela cidadania plena e dos setores republicanos anti-escravistas. Nessa lógica, se pretos não eram mais escravos era preciso torná-los ameaças à sociedade para que se justificasse à exclusão, a falta de brancos podem conviver ‘pacificamente’ desde que disciplinados, demarcados direitos, a moradia precária como no caso dos cortiços.

Dessarte, a literatura de Azevedo corrobora na divulgação da política de branqueamento, delimitando socialmente o significado pejorativo de cortiço. O escritor reforça estigmas sociais que reverberam na estruturação conceitual da linguagem ao veicular e propor ideias que circulam pelas ruas, pelos botequins, pelas fábricas, atingindo os mais variados e complexos públicos.

REFERÊNCIAS

- CÂNDIDO, Antonio. De Cortiço à Cortiço. **Novos Estudos Cebrap**, n. 30, 1991.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial**. Companhia das Letras, 2006.
- FLOR, Ana. O Naturalismo no Brasil sob Suspeição. **XIV Congresso Internacional Fluxos e Correntes, Trânsitos e Traduções Literárias**, Belém/PA, 2015.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Da Senzala ao Cortiço - História e literatura em Aluísio Azevedo e João Ubaldo Ribeiro. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, n. 42, v. 21, 2001.
- GAUER, Ruth. Da Diferença Perigosa ao Perigo da Igualdade: Reflexões em torno do paradoxo moderno. **Civitas**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, 2005.
- LACAPRA, Dominick. **Texts, Contexts, Language**. Cornell University Press, 1983.
- MÉRIAN, Jean-Yvés. **Aluisio Azevedo: Vida e Obra**. Garamond, 2. ed, Rio de Janeiro, 2013.
- OTSUKA, Edu. **O povo e a Polícia: Conflitos sociais em O Cortiço de Aluísio de Azevedo, e Recordações do Escrivão Isaias Caminha, de Lima Barreto**. Svèt Literaturny/ O mundo da Literatura, 2017.
- TAMANO, Luana; SANTOS, Poliana; MAGALHÃES, Gildo; MARTINS, Ana. O Cientificismo das Teorias Raciais em O Cortiço e Canaã. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.18, n.3, 2011.
- TENÓRIO, Jeferson. **O Avesso da Pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. (E-book Kindle)
- SCHWARCZ, Lília; STARLING, Heloísa. **Brasil: Uma Biografia**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. (e-book)
- Revista Espacialidades** [online]. 2022.2, v. 18, n. 2, ISSN 1984-817X [17]

SEVCENKO, Nicolau. **A Revolta da Vacina**: mentes insanas em corpos rebeldes. 3. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

VASSALLO, Lígia. O Cortiço e a Cidade do Rio de Janeiro. **Revista Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 4, n. 1, 2000.

DESCRIÇÃO DE FONTES

Diário do Comércio, Rio de Janeiro, 1889 a 1890. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/peri%C3%B3dico.aspx>

“Saneamento das habitações”. Diário do Comércio. Rio de Janeiro, n. 166, p. 1, maio/1889.